

## A ilusão do regresso ao mundo euro-atlântico

A história mostra que os momentos de grande unidade a seguir a uma grave catástrofe política são efémeros.

**José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 29 de março de 2022**

1. Nesta altura, há um tom de quase triunfalismo nos EUA. A guerra na Ucrânia está a criar substanciais e inesperadas perdas de efectivos e equipamentos militares à Rússia. Para os norte-americanos, as guerras europeias sempre ecoaram boas memórias de momentos gloriosos, apesar dos sacrifícios humanos efectuados. Na realidade, foram estas que lhes permitiram ascender a potência global. Os EUA beneficiam de uma invejável posição geográfica — as guerras deram-se na terra dos outros —, que inclui a ausência de inimigos poderosos nas fronteiras. Tudo isto permitiu que fossem os maiores ganhadores das violentas disputas europeias do século XX.

O actual Presidente dos EUA, Joe Biden, que fez parte da carreira política na Guerra Fria, tem essas memórias presentes. Com o regresso da guerra à Europa, procura reconfigurar-se como novo Harry Truman, o Presidente associado à fundação da NATO em 1949, que no final da II Guerra Mundial sucedeu a Franklin Roosevelt. Em consonância, foi à arqueologia da Guerra Fria buscar a retórica ideológica do Ocidente e do mundo livre. Quanto aos europeus, estão assustados com a agressividade bélica de Vladimir Putin, mas querem manter o conforto do seu welfare-state sem grandes sacrifícios. Na crónica impotência de assegurarem a sua defesa, acharam melhor colocar-se sob o manto protector da república imperial — os EUA, na designação de Raymond Aron.

2. Todavia, a história mostra que os momentos de grande unidade a seguir a uma grave catástrofe política são efémeros. Foi assim após o final da II Guerra Mundial e também após o 11 de Setembro. Quanto ao mundo, não vai regressar a um passado em que os EUA tinham a capacidade de o configurar à sua imagem e desejos. O mundo pós 1945, desenhado à maneira dos EUA e Ocidente, com a criação da Organização das Nações Unidas, a declaração universal dos Direitos Humanos e das organizações económico-financeiras de Bretton Woods, está cada vez mais distante e denota a erosão do tempo.

A tendência estrutural para a Ásia-Pacífico reforçar a sua centralidade global continuará, de forma mais lenta ou mais acelerada, independentemente da invasão russa da Ucrânia ser um acontecimento maior na política internacional. Assim, a região euro-atlântica, como centro político-económico-estratégico indiscutível à maneira do século XX, é um passado irrepetível. No século XXI, a competição pela supremacia mundial não é entre a Rússia e os EUA, mas entre a China e os EUA. Como resultado, o erro estratégico da Rússia ao invadir a Ucrânia não garante uma vantagem automática para os EUA e Ocidente na actual competição pela supremacia global.

3. No século XXI, é a China quem está na posição mais parecida com a dos EUA no passado e de poder beneficiar do regresso da guerra à Europa. Apesar de trazer também riscos, permite-lhes ganharem em várias frentes, se actuarem habilmente: na económica, na política e na estratégica. Na realidade, isso já está a acontecer assim. A China fez acordos com a Rússia para lhe fornecer gás natural a um preço mais baixo do usual no mercado, aumentando a dependência russa face à sua economia. Quanto aos EUA, não por acaso nesta altura (onde tentam afastar a China do apoio à Rússia) retiraram parte substancial das tarifas aduaneiras que tinham sido impostas pelo anterior Presidente, Donald Trump. Mais importante ainda, o Quad (Diálogo de Segurança Quadrilateral) partiu-se em dois, ficando a Índia de um lado — que se absteve de condenar a Rússia e de lhe aplicar sanções — e os anglo-saxónicos (EUA e Austrália) e o Japão do outro.

A guerra na Ucrânia, ao voltar a trazer os EUA para a Europa para conter a Rússia, aumentou a margem de manobra estratégica da China. Retirou o foco internacional para fora da sua área geopolítica de interesse maior, que é Taiwan e o mar do Sul da China e complicou a tarefa dos EUA de a conterem no Indo-Pacífico. Há ainda um outro efeito. O facto de a Rússia usar o seu poder militar nuclear para afastar uma intervenção directa dos EUA e da NATO na Ucrânia, será, com grande probabilidade, um exemplo a seguir por outros Estados. Permitirá desafiar os EUA e bloquear a sua intervenção militar.

O Irão é apenas o caso mais óbvio de uma ambição nuclear para garantir autonomia estratégica. Exista ou não um acordo sobre o seu programa nuclear com os EUA, dificilmente será parado no seu objectivo. Na melhor das hipóteses, será adiado por algum tempo. A Coreia do Norte já se afirmou nesse percurso nuclear, que, tudo indica, será sem retorno. Embora a proliferação nuclear seja um problema global da humanidade, para os EUA constitui uma ameaça directa à sua supremacia. Ao engrossar do grupo dos contestatários com armamento nuclear ao seu poder, aumentará a margem de manobra da China.

4. O rumo dos acontecimentos desencadeado pela guerra na Ucrânia tende ainda a erodir o poder dos EUA e do Ocidente por outras razões. Vistas de muitos países que olham com suspeição para europeus e norte-americanos, as sanções económicas à Rússia — especialmente o congelamento dos activos do seu banco central existentes em instituições financeiras dos EUA — reforçam uma convicção: impõe-se aumentar os esforços para acabar (ou contornar) a supremacia financeira do Ocidente; urge criar alternativas ao sistemas de pagamentos bancários SWIFT e ao dólar como meio de pagamento e moeda de reserva. Historicamente, a supremacia financeira tende a ir a par da supremacia comercial. A China já superou os EUA como potência comercial, mas não na área financeira, onde enfrenta grande desvantagem.

Todavia, um ponto de viragem pode ser o mercado do petróleo — em dólares desde o fim do sistema padrão dólar-ouro em 1971 — o qual está em profunda transformação. Com a transição energética em curso, os principais clientes dos grandes produtores de energia e, em especial, dos países do Médio Oriente estão na Ásia. Após a invasão russa da Ucrânia e a enorme subida dos preços, os tradicionais aliados na região dos EUA (desde logo a Arábia Saudita), ignoraram

as pressões norte-americanas para aumentar a produção e descer os preços. Estamos a assistir a uma crescente integração das suas economias com as da Ásia e a um afastamento dos países industrializados do Ocidente. Essa transformação terá, tudo indica, repercussões na primazia do dólar e financeira dos EUA. Sintomático, é a Arábia Saudita ter anunciado considerar a possibilidade de aceitar a divisa chinesa como meio de pagamento.

5. Por último, um olhar sobre o futuro da União Europeia. No imediato, a invasão da Ucrânia pela Rússia teve um efeito contrário ao que os russos pretendiam. Fez superar divisões políticas — e provocou alterações profundas na linha de política externa e defesa de Estados com a importância da Alemanha — de uma forma que seria impensável ainda no início do ano. Levou também a um acelerar de medidas destinadas a obter a emancipação do fornecimento natural da Rússia, que lhe retirarão futuramente — ou, pelo menos, irão diminuir significativamente —, esse instrumento de pressão sobre a Europa. Impulsionou Estados neutrais, como a Suécia e a Finlândia, a aproximarem-se (ainda) mais da NATO e a até a considerarem uma eventual adesão futura, rompendo com um longo historial de neutralidade. Todavia, essa não é a história toda.

Seja qual for o desfecho da guerra na Ucrânia, para a União Europeia vai trazer uma instabilidade permanente na sua fronteira leste. Com ou sem integração da Ucrânia na União Europeia, os europeus vão ficar com grande parte dos custos de reconstrução material e de apoio aos milhões de refugiados de um país destruído pela guerra. A União Europeia terá de conviver ainda com uma Rússia belicosa. Emergiu uma nova realidade geopolítica onde terá uma grande potência hostil nas suas fronteiras. A sua gestão será um teste permanente à coesão europeia e à sua capacidade de segurança e defesa. Os EUA poderão desligar-se caso os seus interesses futuros o exijam, os europeus não.

<https://www.publico.pt/2022/03/29/mundo/analise/ilusao-regresso-mundo-euroatlantico-2000435>